

David Mourão-Ferreira — Ternura

Desvio dos teus ombros o lençol,
Que é feito de ternura amarrotada,
Da frescura que vem depois do sol,
Quando depois do sol não vem mais nada...

Olho a roupa no chão: que tempestade!
Há restos de ternura pelo meio,
Como vultos perdidos na cidade
Onde uma tempestade sobreveio...

Começas a vestir-te, lentamente,
E é ternura também que vou vestindo,
Para enfrentar lá fora aquela gente

Que da nossa ternura anda sorrindo...
Mas ninguém sonha a pressa com que nós
A despimos assim que estamos sós!

David Mourão-Ferreira, Cinco séculos de sonetos portugueses